

Museu, Educação e Cultura: encontros de crianças e professores com a arte

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (orgs.). São Paulo: Papyrus, 2005, 174p.

Amalhe Baesso Reddig*

O ano de 2006 foi consagrado o Ano Nacional dos Museus, num sinal de que os museus brasileiros estão em movimento e a cada dia mais articulados e fortalecidos. O tema escolhido pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus) para este ano, *Museus e Público Jovem*, procura estimular o debate e refletir sobre a atuação dos espaços museais, além de celebrar as possibilidades de diálogo com novos públicos e novas gerações de museus.

Em 2005, Maria Isabel Leite e Luciana Esmeraldo Ostetto organizaram o livro *Museu, Educação e Cultura: encontros de crianças e professores com a arte*. Ao ler e refletir sobre os textos nele contidos, encontro a diversidade e a complexidade cultural do país alinhavadas em escritas de pesquisadores e professores.

Ary de Macedo, ao apresentar o livro, escreve: “é uma verdadeira proclamação das autoras o reconhecimento e a divulgação de serem os museus de arte espaços de educação e cultura” (p. 08).

A obra encontra-se dividida em duas partes. A primeira delinea resultados de pesquisas realizadas em museus do Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo, com bases teóricas e análises críticas acerca de formação cultural, experiências estéticas, patrimônio, serviços educativos e construção do conhecimento.

Em *Museu de arte: espaços de educação e cultura*, Leite apresenta sua concepção de arte como “sistema de manifestações e códigos que se interpenetram e se recodificam a cada momento; uma forma particular de ver e expressar o mundo, que atua como uma reação emocional e conceitual à vida” (p. 22). No texto,

* Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma/SC. Professora e pesquisadora do GEDEST – Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação Estética. abr@unescc.net

dialoga com diversos autores e explicita uma visão de museu como campo privilegiado para experiência estética. Leite afirma que: “para trocarmos/ interagirmos com a *criança-sujeito-da-cultura* precisamos nos ver, também, como produtores e consumidores críticos de cultura; precisamos nos reconhecer como tal e também usufruir a cultura” (p. 52). Problematisa a formação dos monitores que atuam nos museus e apresenta dados de pesquisa que indicam a importância e a urgência da formação destes profissionais.

No capítulo 2, “Museu do brinquedo como centro cultural infantil”, Piacentini e Fantin apresentam a memória de uma geração através da coleção de brinquedos e brincadeiras que compõem o Museu do Brinquedo, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Criado em 1999, constitui-se de brinquedos de diversas culturas, origens e influências. De caráter itinerante, seu acervo é apresentado em diferentes espaços físicos e geográficos, garantindo a acessibilidade e a democratização da cultura.

Argolo, no capítulo denominado *Olhares e saberes do encontro com a arte*, pesquisa o papel dos guardas nos espaços museais, para além da função de guardião do museu e das coleções. Inicialmente, percebia o guarda como aquele com a “desagradável atitude de controle e presença inibidora” (p. 74). Ao entrevistá-los, descobre que eles já foram tocados pelo diálogo com a arte e houve um convite interno, pessoal, pela busca de conhecimento sobre os artistas e suas obras. Nesse sentido, registra que: “a forma de ser, pensar e agir em relação à arte foi ganhando um novo sentido para eles, à medida que iam reconhecendo nela a oportunidade de acesso à cultura. Museu e arte são referências de educação” (p. 75).

Ganzer, no texto *Turbilhão de sentimentos e imaginações: as crianças vão ao museu, ou ao castelo*, relata experiência com crianças de 4 e 6 anos em sua visita ao MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul. A motivação, o percurso, a curiosidade, a imaginação, a fantasia, as cores, os cheiros, as impressões são registrados e a construção do olhar acontece num castelo (museu) e no encontro com a princesa (mediadora). Os resultados apresentados nas falas das crianças mostram a heterogeneidade dos olhares e da percepção de cada um.

Machado escreve “O seu olhar melhora o meu: o processo de monitoria em exposições itinerantes” como resultado de experiência vivida como coordenadora da ação educativa na mostra *Lasar Segall – Exposição digital* e curadora da exposição itinerante *Brasil século XIX: Imagens da cultura – Exposição digital*. Passa a estudar as possibilidades de apropriação e formação cultural utilizando reproduções. Ao falar das visitas às exposições e do trabalho dos monitores, conclui que

visitas em grupo com o uso de monitoria geram um olhar coletivo, socializado, verbalizado [...] O silêncio e o tempo das visitas coletivas são diferentes dos das visitas

individuais; geram outro conhecimento e talvez outra percepção da imagem vista, pois são acrescidos de múltiplos olhares e opiniões (p.106).

E finaliza: “aprendi com os olhares dos outros a descobrir novos modos de ver obras que considerava já vistas” (p.114), daí dizer *o seu olhar melhora o meu*.

Em *Espaços de Cultura e formação de professores monitores*, Carvalho escreve sua experiência como coordenadora pedagógica e o envolvimento de estagiários/monitores na exposição *Palácio Tiradentes: Lugar de memória do Parlamento brasileiro*, realizada na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Dialoga com diferentes autores e destaca Pasolini e a importância da “linguagem pedagógica das coisas” (p.119); a relação escola x museus e centros de cultura; a formação de docentes x cultura e o conceito de “hibridização cultural” (p.135) de Garcia-Canciani, entre outros. Finaliza, enfatizando que

diante da flexibilidade das fronteiras entre currículo e formação de professores, é preciso apontar para a necessidade de uma orientação cultural nos currículos de formação dos docentes bem como a urgência de políticas públicas de formação nessa perspectiva (p.135-136).

A segunda parte do livro focaliza uma série de experiências vividas em museus brasileiros. Professores e crianças, ao visitarem os museus, narram suas experiências, cheias de subjetividade e próprias de cada fruidor.

Ostetto, com o texto *De luzes e vôos: em busca da beleza para ser humano*, reflete sobre a importância de se entregar aos espaços museais. Cita a Pinacoteca do Estado de São Paulo como um lugar para aprendizagem, devaneio e fruição. Relata sua experiência, escrevendo poesia e registra que “a arte pode levar-nos até onde nosso controle perde o domínio” (p.149); “a arte ajuda a denunciar e anunciar” (p.154).

No artigo *Ampliando meu repertório vivencial, viajando e entrando no museu*, Livramento comunica sua experiência de encontro com os museus e a arte contemporânea. Ao visitar o Museu da USP e a Pinacoteca do Estado de São Paulo, fala que esse encontro a levou a ressignificar esses espaços. Agora tomou consciência da importância dos mesmos para a educação e diz que o estranhamento e o desconhecido a levaram a (re)pensar a arte hoje, os museus, a educação e a escola.

Silva, ao escrever *Meu encontro com Picasso... e comigo*, relata sua visita à *Exposição Pablo Picasso* em São Paulo, na Oca. Relembra sua infância e as aulas com os desenhos mimeografados. Reflete sobre o processo imaginativo e criativo de Picasso na tentativa de aproximação com sua prática pedagógica hoje.

No texto *O Escolar – como Van Gogh me fez pensar sobre a escola*, Flores fala da importância das experiências estéticas. A exposição *História em Quadrões – Pinturas de Maurício de Souza*, no Museu de Belas Artes (MNBA) do Rio de Janeiro, a fez refletir sobre a escola e o escolar hoje e escreve: “A imagem do aluno que identifico na produção de Van Gogh não se mostra estranha para mim, aliás, parece que vejo esse ‘escolar’ no contexto de muitas escolas” (p.166). Para ela, o olhar retratado lhe parece cansado, desligado e sem alegria – perspectiva avessa àquela que tem como educadora.

Furtado, ao visitar a exposição *Da antropofagia a Brasília*, no Museu de Arte Brasileira, em São Paulo, escreve o texto “Comi o *Abaporu* com os olhos: um mergulho antropofágico nas cores de Tarsila”. Nele estabelece diálogo com outros autores e com a obra de arte em questão: “[...] comecei a dialogar com a obra. Reconheço que no começo foi um monólogo. Só a obra falava, do alto de sua autoridade de objeto estético que já tem uma experiência de quase 80 anos e que, portanto, já possui um estatuto de objeto cultural” (p.171). Sua entrada na obra é tal que finaliza dizendo “e à beleza que me é dada eu retribuo em forma de reverência [...] a arte cria vínculos” (p.174).

Observo que, no livro em análise, a primeira parte dá sustentação teórica ao tema central e margeia assuntos outros referentes à educação e cultura. A segunda traz à tona o professor e a criança. Justamente aqueles que não falam! Aqui os textos trazem a voz dos protagonistas das experiências: os professores que visitaram os diversos museus citados, e que, aqui, como autores, autorizam-se a falar, opinar, fruir... fazendo com que o leitor, também professor, sintam-se convidados a fazer o mesmo. É de extrema importância e obrigatoriedade a leitura desta obra por todos os profissionais que direta ou indiretamente estão envolvidos com a questão.